Vídeo: "Floripes" – Lenda da Moura Encantada de Olhão

PARA VER O VIDEO CARREGUE NA TECLA
ctrl e clique sobre o video

Moinho do Sobrado, hoje, Clube Naval de Olhão

No sítio do Moinho do Sobrado havia, antigamente, uma casa onde aparecia à janela, durante a noite, uma formosa mulher vestida de branco.
O Ti Zé, homem de meia-idade, que andava sempre bêbado e que morava para aquelas bandas, era o único homem que por ali passava e muitas das vezes adormecia ao relento caído de bêbado.

TELA EXPOSTA NO MUSEU MUNICIPAL DE FARO

A mulher de branco aproximava-se do bêbado, fazia-lhe meiguices e até se sentava a seu lado.
O Ti Zé contava a sua história sem convencer ninguém a deslocar-se ao local para verem a esbelta moura encantada. No entanto, o Ti Zé tinha um amigo um pouco mais jovem que se iria casar brevemente.

O Ti Zé, homem sabido, manhoso por natureza, lá queria convencer o seu amigo para ir ver a moura encantada e até lhe prometeu uma prenda valiosa, um terreno ali para as bandas de Marim, como oferta do seu casamento, se ele tivesse coragem de o acompanhar para ver aquela linda moça morena vestida de branco até aos pés.
O seu amigo agradeceu de imediato a prenda e prontificou-se a ir com o seu amigo, naquela noite escura e chuvosa até ao Moinho do sobrado.
Sentou-se numa pedra, junto ao Moinho e esperou pelas doze badaladas. Nesse momento surge da porta do Moinho uma mulher vestida de branco até aos pés. Encontrava-se descalça e via-se o vestido esfarrapado. De mansinho, a moura encantada aproximou-se do Ti Zé. O vento levantou o véu e ambos viram o bonito rosto daquela moça.
O Ti Julião, o tal amigo do Ti Zé, pergunta quem era e donde vinha aquela moça.
- Sou a desventurada Floripes – assim respondeu com uma voz trémula e chorosa.
- E o que faz por aqui?
- Sou uma moura encantada. Quando a minha raça foi expulsa, viu-se o meu pai obrigado a partir, sem poder prevenir-me. Eu tinha um namorado que também fugiu e aqui fiquei sozinha, à espera a cada momento que o meu pai me viesse buscar. Numa noite em que esperava, vi ao longe a luz de uma embarcação. A noite era de tormenta e o barco escangalhou-se de encontro aos rochedos. Não era o meu pai que ali vinha: era o meu namorado, que foi engolido pelas ondas. Soube o meu pai deste funesto acontecimento e vendo que não lhe era possível vir buscar-me, encantou-me de lá.

O Ti Julião, penalizado com a triste história, logo pensou em oferecer-se para salvar a moura e perguntou:

— Existe algum meio de a salvar?

— Há sim – respondeu a moura.

— Que meio?

— É necessário que um homem me dê um abraço, à beira de um rio, e me fira no braço contíguo ao coração. Logo que tal aconteça, irei de imediato para junto dos meus familiares. Mas existe uma dificuldade.

— Que dificuldade – perguntou o Ti Julião, quase resolvido a ser o seu libertador.

— O homem que me abraçar e me ferir terá de me acompanhar até África, atravessar o oceano com duas velas acesas e casar comigo à chegada.

— Isso é que eu não poderei fazer. Já tenho casamento marcado e amo a minha namorada.

— Então continuarei novamente encantada – respondeu a moura soluçando – Até agora, ninguém se atreveu a tanto sacrifício!

A moura continuou o seu encantamento durante muito tempo ainda, sentada no cais com os pés na água, esperando o seu pai voltar de África. Era por vezes vista no cais, sempre de noite, a conversar com um menino de olhos grandes e com gorro encarnado. Dizem os antigos, que era um menino, filho de algum mouro que por ali também ficou encantado.

Alguns olhanenses mais antigos acreditavam tanto nesta lenda que diziam que a Floripes era vista também durante o dia a fazer compras em Olhão, naquelas ruas estreitas, onde pagava com uma moeda de ouro e sempre desaparecia sem receber o troco. É por isso que ainda hoje, nesta cidade cubista, dizem "mó… até pareces a Floripes, não queres o troco?" ou até, quando amigos saem à noite, costumam dizer "mó… vê lá se te aparece a Floripes?"

Floripes, personagem do filme com o mesmo nome

Há muitos anos que se deixou de ouvir falar que a Floripes tivesse aparecido por aquelas bandas do Moinho do Sobrado, talvez algum homem tivesse desencantado aquela moça tão bonita.

A curiosidade foi tanta, que encontrei alguém que não consegui identificar, que diz:

"O Dr. José Barbosa conta no seu livro (Barbosa, 1993) esta história curiosa, ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial: numa trincheira da Flandres defendida por soldados portugueses, numa noite invernosa, dois olhanenses que estavam de sentinela viram surgir da neve um vulto branco de mulher. O pavor de estarem a ver a Floripes paralisou-lhes por momentos a capacidade de premirem o gatilho! Foram os momentos necessários para compreenderem que o vulto também não seria um soldado inimigo. E foi assim que a Floripes salvou a vida a uma mulher belga que fugia do lado alemão!

Talvez que este salvamento tivesse desencantado finalmente a Floripes, pois que há muito tempo a moura deixou de aparecer. Terá regressado finalmente à sua terra?"